



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

DOSSIÊ | Narrativas (Auto)Biográficas em Processos Formativos

Entrelaçar experiências e diversidade: Narrativas docentes em contexto de migração

Interweaving experiences and diversity: Teaching narratives in
contexts of migration

Entretejer experiencias y diversidad: Narrativas docentes en
contextos de migración

Renata Siqueira de Guimarães
Andressa Grazielle Brandt

RESUMO

Este artigo deriva do estudo em nível de mestrado que apresenta narrativas de professoras que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com estudantes migrantes no Município de Itajaí/SC e tem por objetivo compreender, por meio dessas narrativas, como suas trajetórias de vida e formação se entrelaçam às experiências e práticas pedagógicas construídas no cotidiano escolar com estudantes em contextos de migração, considerando as perspectivas da inclusão e da interculturalidade. Desenvolve a análise da entrevista narrativa com base na Análise Compreensiva-Interpretativa (Souza, 2004), buscando captar as singularidades da fala no contexto das experiências vividas. Os resultados desta investigação demonstram pistas de como essas histórias de vida e formação atribuem sentido e significado às práticas cotidianas no acolhimento de estudantes em fluxo migratório, apontando como desafios a barreira linguística e a ausência de políticas públicas educacionais e curriculares que atendam à especificidade desses sujeitos, além de apontarem para a elaboração de proposições de abordagens investigativas para a pesquisa no campo da educação em torno dessa temática.

Palavras-chave: narrativas; professores; migração.

ABSTRACT

This article derives from a master's-level study that presents narratives of teachers working in the early years of Elementary Education with migrant students in the municipality of Itajaí, Santa Catarina, Brazil. It aims to understand, through teachers' narratives, how their life and educational trajectories intertwine with the

experiences and pedagogical practices developed in everyday school life with students in contexts of migration, considering the perspectives of inclusion and interculturality. The analysis of narrative interviews is developed based on Comprehensive-Interpretative Analysis (Souza, 2004), seeking to capture the singularities of speech within the context of lived experiences. The findings provide insights into how these life and educational trajectories attribute meaning and significance to everyday practices related to welcoming students in migratory contexts. They also highlight linguistic barriers and the absence of educational and curricular public policies capable of addressing the specificities of these subjects, while pointing to the development of investigative approaches for research in the field of education concerning this theme.

Keywords: narratives; teachers; migration.

RESUMEN

Este artículo deriva de un estudio de maestría que presenta narrativas de profesoras que actúan en los primeros años de la Educación Primaria con estudiantes migrantes en el municipio de Itajaí, Santa Catarina, Brasil. Tiene como objetivo comprender, a través de las narrativas de las profesoras, cómo sus trayectorias de vida y formación se entrelazan con las experiencias y prácticas pedagógicas construidas en la cotidianidad escolar junto a estudiantes en contextos de migración, considerando las perspectivas de la inclusión y la interculturalidad. Desarrolla el análisis de las entrevistas narrativas a partir del Análisis Comprensivo-Interpretativo (Souza, 2004), buscando captar las singularidades de los relatos en el contexto de las experiencias vividas. Los resultados de esta investigación aportan indicios sobre cómo estas trayectorias de vida y formación atribuyen sentido y significado a las prácticas cotidianas relacionadas con la acogida de estudiantes en contextos migratorios. Asimismo, señalan como desafíos las barreras lingüísticas y la ausencia de políticas públicas educativas y curriculares que atiendan las especificidades de estos sujetos, además de apuntar hacia la elaboración de enfoques investigativos para la investigación en el campo de la educación en torno a esta temática.

Palabras clave: narrativas; docentes; migración.

Introdução

Os contextos de migração têm produzido transformações nas dinâmicas sociais e culturais contemporâneas, repercutindo também nos espaços escolares (Cavalcanti *et al.*, 2026). A chegada de crianças e famílias provenientes de diferentes territórios, países e regiões do próprio Brasil insere a escola em experiências marcadas pelo encontro entre distintas histórias, línguas, culturas e modos de compreender o mundo. Mais do que um dado demográfico, a presença de estudantes em processos migratórios interpela o cotidiano educativo e coloca em movimento questões relacionadas ao

acolhimento, ao pertencimento, à comunicação e ao reconhecimento das diferenças.

Nesse cenário, a escola passa a ser um dos primeiros espaços de inserção social para muitas crianças e suas famílias. Entretanto, a presença da diversidade não garante, por si só, práticas capazes de reconhecê-la em sua complexidade. As experiências de migração atravessam o cotidiano escolar produzindo demandas que alcançam diretamente o trabalho docente e desafiam modos já instituídos de ensinar, acolher e organizar as relações pedagógicas. É nesse espaço entre a chegada do outro e as possibilidades concretas de encontro que se situam algumas das inquietações que mobilizaram esta investigação.

Interessa-nos, portanto, compreender não apenas o que acontece com os estudantes que chegam, mas também como as professoras que os recebem significam essas experiências e constroem, em seu cotidiano, respostas diante de situações para as quais nem sempre existem orientações previamente definidas. As práticas pedagógicas não se constituem isoladamente das trajetórias de vida, dos percursos formativos e das experiências profissionais de quem ensina. Elas são produzidas nas relações, nas contingências do cotidiano e nas interpretações que os sujeitos elaboram sobre aquilo que vivem.

A investigação que se apoia na escuta e na análise de narrativas permite acompanhar os sentidos que as participantes da pesquisa atribuem às experiências vividas. Ao narrar, não apenas relatam acontecimentos, mas selecionam memórias, estabelecem relações e reinterpretam percursos individuais e coletivos, tornando perceptíveis dimensões que, muitas vezes, permanecem pouco evidenciadas nos modos mais tradicionais de compreender os fenômenos sociais. Nesse movimento, a narrativa permite acompanhar a complexidade das experiências que atravessam o contexto escolar diante da presença de estudantes em processos migratórios. Como aponta Souza (2004), as narrativas constituem uma possibilidade de mediação entre as dimensões individuais e sociais, pessoais e profissionais da experiência.

A aproximação com as narrativas foi orientada pela Análise Compreensiva-Interpretativa (ACI), proposta por Souza (2004), que busca compreender as experiências em sua singularidade, sem dissociá-las das

relações e dos contextos nos quais são produzidas. O movimento analítico consiste em estabelecer aproximações entre situações subjetivas e peculiares, explorando os sentidos atribuídos pelas próprias narradoras e as possíveis relações entre suas experiências. Mais do que buscar generalizações, interessa reconhecer recorrências, aproximações e tensionamentos que emergem das situações vividas pelas professoras em seu cotidiano escolar. Esse processo possibilita estabelecer conexões e produzir compreensões acerca das trajetórias, percursos e experiências narradas, considerando as relações entre o objeto investigado, as práticas de formação e o próprio processo de investigação (Souza, 2014).

Este artigo, proveniente de uma pesquisa de mestrado¹, volta-se às narrativas de professoras que atuaram com estudantes em contextos de migração nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino do município de Itajaí/SC. A investigação foi mobilizada pela seguinte questão: como as professoras significam suas experiências e suas práticas pedagógicas no cotidiano escolar atravessado pela presença de estudantes em contextos de migração?

O objetivo do estudo é compreender, por meio das narrativas de professoras, como suas trajetórias de vida e formação se entrelaçam às experiências e práticas pedagógicas construídas no cotidiano escolar com estudantes em contextos de migração, considerando as perspectivas da inclusão e da interculturalidade.

Para compreender essas experiências e práticas, o estudo estabelece interlocuções entre os aportes das pesquisas (auto)biográficas e narrativas, especialmente a partir de Josso (2008), Delory-Momberger (2012), Goodson (2019), Passeggi (2011) e Souza (2004), e contribuições da interculturalidade crítica, discutida por Candau (2012). Essa articulação teórica possibilita colocar em relação as trajetórias de vida e de formação das professoras, suas experiências profissionais e as práticas pedagógicas construídas em um cotidiano escolar marcado pela diversidade cultural e pelos processos migratórios.

¹ Pesquisa de mestrado defendida em 04 de julho de 2025 no programa de Pós-graduação do Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú, intitulada: “Narrativas de professoras sobre as práticas pedagógicas com estudantes migrantes da Rede Estadual do município de Itajaí/SC” (Guimarães, 2025).

Ao tomar as experiências narradas como material biográfico de investigação, o estudo busca deslocar o olhar de uma compreensão exclusivamente prescritiva sobre como ensinar estudantes migrantes, para a análise de como as práticas são efetivamente construídas, tensionadas e ressignificadas por professoras em seus contextos de atuação. Nessa perspectiva, emergem experiências relacionadas ao acolhimento, às barreiras linguísticas, às relações interculturais e aos limites institucionais que atravessam o cotidiano escolar. Segundo Moraes (2024), as narrativas evidenciam a importância de investigar o contexto e as próprias participantes, que se envolvem, dialogam e vivenciam a realidade junto à pesquisadora.

O artigo está organizado em três movimentos. Inicialmente, apresenta-se o percurso metodológico da investigação e os fundamentos da abordagem narrativa. Em seguida, são discutidas as narrativas das professoras e os sentidos atribuídos às suas experiências no contexto escolar. Por fim, retomam-se alguns dos principais tensionamentos que emergem da investigação, buscando refletir sobre as relações entre experiência docente, diversidade e migração.

Narrativa como Caminho metodológico

O método de análise das narrativas utilizado nesta pesquisa baseia-se na Análise Compreensiva-Interpretativa – ACI (Souza, 2004). O autor propõe a leitura em três tempos, considerando os atos de lembrar, narrar e refletir sobre a experiência das professoras em seu cotidiano escolar, de vida e de formação.

O Tempo I trata de um mapeamento dos dados identificadores de cada participante individualmente, explicitando questões culturais, socioeconômicas, biográficas, de formação e das implicações ou dificuldades em relação à narrativa oral. O Tempo II traz a organização temática, agrupamento e a construção de unidades analíticas, após as leituras cruzadas, possibilitando a compreensão-interpretação das histórias narradas mediante o universo de significados e sentidos. As unidades analíticas foram se delineando a partir das aproximações percebidas entre as narrativas, sem apagar aquilo que havia de singular em cada trajetória. As leituras cruzadas possibilitaram reconhecer

recorrências, mas também tensões e diferentes modos de significar as experiências vividas no cotidiano escolar. Assim, as unidades foram sendo construídas no próprio processo de escuta, leitura e interpretação de possíveis narrativas, em diálogo com o objeto da pesquisa. Por fim, o Tempo III faz as leituras e releituras vinculadas aos processos de análise, que permitem a triangulação das histórias narradas com os aportes teóricos relacionados ao objeto de pesquisa.

Concordando com Magalhães *et al.* (2021), a compreensão por aproximação dialógica com essas professoras possibilitará um entendimento aprofundado nesta investigação e um estudo entre os poucos que existem neste campo, o qual trará contribuições à área da educação.

Participaram das entrevistas narrativas 7 (sete) professoras que, de forma voluntária, compartilharam suas trajetórias de vida e formação sobre seu cotidiano de práticas pedagógicas com estudantes migrantes na rede estadual de ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do município de Itajaí/SC, em um processo individual via Google Meet. Delory-Momberger (2012) aponta que as narrativas, como instrumento de pesquisa, revelam o conhecimento sobre as experiências e as perspectivas do narrador, permitindo aproximação da pesquisa ao contexto social e cultural, significando as situações, os acontecimentos e as experiências de vida e formação das participantes.

A produção das narrativas desenvolveu-se a partir de questões elaboradas em diálogo com o problema e os objetivos da investigação, compreendendo, como propõe Souza (2022), que questões disparadoras podem constituir pontos de partida para a produção narrativa. Relacionadas às experiências das professoras em seus percursos de vida, formação e atuação com estudantes em contextos de migração, tais questões abriram diferentes possibilidades de rememoração. As interlocuções constituíram espaços para rememorar acontecimentos, recuperar experiências e estabelecer relações entre diferentes tempos e dimensões do vivido. Cada narrativa encontrou seu próprio percurso, acompanhando os movimentos da memória e os acontecimentos que ganhavam relevo para as professoras no encontro. Desse panorama emergiram experiências, inquietações e modos de compreender as práticas pedagógicas que dificilmente poderiam ser apreendidos por meio de respostas isoladas.

Todos os procedimentos foram devidamente autorizados pelas participantes e pela Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, seguindo os protocolos éticos necessários para a realização da pesquisa e as normas do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú, bem como das instituições escolares do município de Itajaí/SC. A investigação foi devidamente submetida à Plataforma Brasil, com intuito de obter a aprovação dos instrumentos de coleta de dados e pesquisa com seres Humanos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) conforme o Parecer nº 6.595.426.

A 17ª Coordenadoria Regional de Educação da rede estadual de Santa Catarina, que abrange cinco municípios, conta com 45 (quarenta e cinco) unidades escolares. Destas, 17 (dezessete) unidades pertencem ao município de Itajaí. Entre essas unidades, apenas 7 (sete) atendem à modalidade dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, recorte de interesse investigativo do meu estudo. Essas escolas reúnem 34 (trinta e quatro) turmas divididas entre os períodos matutino e vespertino, em um total de 859 (oitocentos e cinquenta e nove) estudantes matriculados, segundo dados coletados em 2 de julho de 2024 (Santa Catarina, 2019).

Do total de estudantes matriculados na modalidade dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, segundo o Sistema de Gestão Educacional de Santa Catarina (Santa Catarina, 2024), 210 (duzentos e dez) são migrantes nacionais vindos de outros estados brasileiros, enquanto 4 (quatro) são migrantes internacionais. No momento em que entro em contato com as professoras e suas turmas nas escolas, me deparo com dados desatualizados, uma vez que o número de estudantes migrantes por escola não condiz com o registro oficial disponibilizado pelo sistema.

Compreende-se que, diante desse cenário, a falta de dados atualizados acerca do registro dos estudantes migrantes nacionais e/ou internacionais na Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, favorece a sua invisibilidade no contexto educacional. Isso impossibilita que os dados forneçam subsídios de investigação para a construção de políticas públicas educacionais, assim como para a elaboração de projetos pedagógicos inclusivos, além de propostas de formação docente continuada e/ou permanente, voltados ao atendimento desse público. A esse respeito, Oliveira (2019, p. 2) aponta:

Apesar de o fenômeno global da migração ter se acentuado nas últimas décadas no mundo, o Brasil parece pouco atento aos movimentos migratórios que, de maneira tímida, mas crescente, chegam ao país. Essa pouca atenção é percebida pela ausência de políticas e de mecanismos efetivos de acolhimento dos imigrantes no território brasileiro.

Entendendo que utilizar as narrativas nos processos investigativos e metodológicos desta pesquisa “assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela” (Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016 p. 114). A pesquisa que faz uso das histórias de vida, segundo Josso (2008), permite relacionar os elementos culturais e sociais das vidas singulares com os processos de formação profissional e social.

Narrar a experiência

As pessoas que migram saem de seus lugares de origem motivadas por situações diversas, seja a busca por uma vida melhor, seja em razão de conflitos, de condições climáticas ou fatores sociais, políticos e econômicos. Ao chegarem neste novo lugar, trazem consigo suas culturas e seus anseios. Nesse sentido, Rocha e Mendes, (2024, p. 23) afirmam:

Migrar sempre fez parte da história de várias sociedades, na busca por melhores condições de vida, por abrigo, por motivos de conflitos de diversas ordens, entre outros fatores que mobilizaram as pessoas a se deslocarem. Esse fato revela que a migração não é um fenômeno recente no decurso da evolução da humanidade, mas uma situação comum e muito presente nos dias atuais. Os sujeitos ao migrarem, se deparam entre dois lugares, dois espaços no tempo, de interação, de troca, e de novas possibilidades a partir do momento que atravessam uma fronteira, um limite de terra, uma ponte.

Compreendendo que o processo de narrar a própria vida no contexto da docência e da formação proporciona a autorreflexão sobre a própria prática, ressignificando as experiências vividas, esse processo permite investigar suas

particularidades, bem como seus possíveis cruzamentos com o objeto pesquisado, considerando a prática docente com estudantes migrantes nacionais e/ou internacionais na perspectiva da interculturalidade e da inclusão.

Com o propósito da preservação do anonimato das participantes, foram criados nomes fictícios que dessem um sentido ao que esta pesquisa representa: a luta por uma educação justa e emancipatória. Assim, atribuímos às participantes nomes de aves migratórias² que, em busca de alimento, abrigo e sobrevivência, deslocam-se de seus locais de origem para um novo lugar. Além de enfrentarem condições climáticas adversas e predadores, verdadeiras manifestações naturais, fascinantes e complexas que representam um papel fundamental nos ecossistemas globais.

O Brasil é um importante ponto de passagem e/ou destino para diversas espécies de aves migratórias que se deslocam entre o hemisfério norte e sul, com destaque para as rotas migratórias que atravessam o território brasileiro. Essas aves percorrem longas distâncias e encontram aqui abrigo, alimento e condições de sobrevivência e reprodução da espécie.

Do mesmo modo, nosso país acolhe uma diversidade de culturas advindas de povos migratórios desde sua construção. Visto que migrar consiste em um direito humano, pessoas chegam ao nosso território em busca de condições melhores de sobrevivência, carregadas de histórias e narrativas que passam a constituir o cotidiano escolar, na medida em que os estudantes passam a frequentar a escola.

Promover uma educação para todos, mais justa, que favoreça processos inclusivos e interculturais, implica em pensar a escola como direito humano, na construção de um espaço onde as relações apontem para o respeito à diversidade. A partir dessa perspectiva, De Souza *et al.* (2021) destacam a compreensão em reconhecer a diversidade como um aspecto que atravessa o currículo e as práticas pedagógicas, demandando uma postura ética da docência diante das diferentes formas de existir e aprender

Adotamos elementos de identificação para a construção significativa dos seus perfis individuais, estruturando, neste primeiro tempo, algumas

² As aves que representam as professoras neste estudo são: Albatroz, Beija-flor, Águia, Talha-mar, Andorinha, Garça e Bem-te-vi.

características singulares e permitindo a compreensão através de uma escuta atenta e sensível de elementos semelhantes, presentes em aspectos coletivos. Desse modo, entendemos que a escuta das narrativas como metodologia de investigação demonstra a importância da construção de significados a partir da história de vida narrada, seja na forma escrita ou oral, pois elas permitem a reflexão da prática no processo de formação. Goodson (1992, p. 71) destaca:

Ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida” é de grande interesse quando os professores falam de seu trabalho. E, a um nível de senso comum, não considero este fato surpreendente. O que considero surpreendente, senão francamente injusto, é que durante tanto tempo os investigadores tenham considerado as narrativas dos professores como dados irrelevantes.

Dentre as características do grupo de professoras entrevistadas, identificou-se que a faixa etária predominantemente era superior a 40 (quarenta) anos, todas com formação em Pedagogia, sendo que algumas professoras possuíam mais de uma graduação. Além disso, com relação à experiência com práticas docentes no contexto escolar, 6 (seis) professoras tinham de 9 (nove) a 10 (dez) anos, e uma com média de 3 (três) anos de atuação.

Ao narrarem sobre suas vidas, formação e prática, as professoras relataram suas trajetórias profissionais e, muitas vezes, demonstraram refletir seus caminhos em fluxo migratório.

Beija-flor: Eu passei lá na cidade de Chapecó, numa escola bem longe da minha casa. Aí gastava muito de gasolina, trabalhei dois anos e pedi remoção para uma escola mais perto da minha casa [...]. Aí eu vim pra Brusque.

Albatroz: Na verdade eu sempre gostava de brincar de escolinha, mas eu nunca era a professora e eu queria ser. Fui ser professora só depois quando me tornei adulta. Muitas crianças falam que querem ser professoras, principalmente as meninas, mas eu realmente me tornei professora.

Por meio das narrativas, é possível compreender que, ao rememorarem suas trajetórias de formação e atuação como professoras, as participantes se

percebem refletindo sobre as memórias da experiência vivida e, assim, reelaboraram os significados de sua atuação docente, bem como os sentidos que os caminhos percorridos deram à sua prática profissional e processo. Nesse sentido, Passeggi (2011) destaca que a narrativa biográfica é capaz de revelar uma descontinuidade, imprevisibilidade e rupturas que moldam a experiência humana.

Talha-mar: Até aquele presente momento eu nunca pensei em trabalhar na educação, embora quando eu era mais nova as pessoas sempre me perguntavam se eu era professora. Eu estava sempre carregando uma espécie de livro e elas perguntavam se eu era professora, mas eu nem fazia ideia de que um dia eu seria.

O fluxo migratório envolve o movimento do encontro com a diversidade cultural e a possibilidade de interação dos diversos espaços e sujeitos sociais envolvidos nesse processo, o que implica condições específicas ao contexto, relacionado às práticas de inclusão e à interculturalidade do ambiente escolar, vivenciadas pelos estudantes que acompanham esse processo ao se deslocarem com suas famílias para um novo lugar. Segundo Oliveira (2019), as invisibilidades vivenciadas pela pessoa migrante no cenário das políticas públicas de educação refletem sua ausência como demanda de possibilidades para avanços no campo educacional.

Dessa maneira, na perspectiva de igualdade como reconhecimento dos direitos básicos de todos, entendemos a diferença como um elemento que atravessa as relações de poder, construídas cultural e historicamente, que precisam ser reconhecidas para a construção de tal igualdade, sendo necessária a articulação de ambas, de tal modo que uma remeta à outra (Candau, 2012).

De que forma nos contam as professoras dos Anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Itajaí sobre esse contexto de vivência, suas relações com o currículo e as políticas públicas vigentes no Estado de Santa Catarina? Quais as possibilidades de construção de um planejamento intercultural e inclusivo segundo suas narrativas? Segundo elas, como este território está sendo preparado para o pouso destas aves que aqui chegam a migrar? Suas histórias de vida e formação, refletidas a partir das experiências

vivenciadas, fornecem pistas para a compreensão de como essas questões dialogam com a teoria em torno das temáticas da diversidade, da inclusão, da interculturalidade e dos direitos humanos.

Águia: Não tenho conhecimento de nenhuma Legislação ou orientação sobre atendimento a estudantes migrantes. Lembro-me de fazer leituras em estudos para concurso sobre o assunto, mas não me recordo de documentação. A recepção desses alunos migrantes é percebida por mim na sala de aula, não existe um repasse enquanto escola sobre esses alunos. A escola não oferece um suporte, o aluno novo chega à porta da sala com um papel escrito seu me dizendo que é aluno novo. No acolhimento e recepção destes alunos não vejo suporte em nenhuma das duas redes, nem de preparo do professor e nem de acolhimento para essas crianças. Vejo que essa criança chega com dificuldades, sobrecarrega o professor, pois sabendo que é uma criança que muitas vezes se separa de seus familiares, podem carregar traumas. Vivemos num planeta que queremos ter e não ser e vejo que faço a minha parte, dando meu melhor, auxiliando nas suas dificuldades, eles chegam de lugares em que até as brincadeiras são diferentes. Eu procuro fazer a minha parte, ajudar essas crianças em suas dificuldades e na inclusão na sala de aula.

Nesse sentido, é possível identificar nas narrativas das professoras uma preocupação com o acolhimento que este novo território deve proporcionar ao estudante migrante diante das diversidades culturais e linguísticas, bem como, de maneiras singulares a cada experiência de vida e docência, relatam a ausência, com maior ou menor intensidade, no trato da orientação e/ou legislação para o atendimento a estes estudantes no âmbito educacional.

Estudantes migrantes, quando chegam ao novo contexto escolar, muitas vezes são expostos a práticas discriminatórias, desiguais e injustas. O respeito à diversidade demanda a emergência de igualdade de acesso ao conhecimento sistematizado nas práticas pedagógicas, bem como do reconhecimento social e cultural nos processos de inclusão.

Garça: É um projeto para as famílias da comunidade. Entre os professores já foi conversado sobre de repente isso atingir os alunos também, e que a gente também fosse preparado para isso né? Essa região tem a questão da rotatividade e da migração muito fortes.

O processo de narrar a experiência e, a partir desse movimento, refletir sobre ela junto ao entrelaçamento de saberes, envolve, além dos contextos culturais, históricos e sociais, também, as vivências de vida, formação e atuação profissional, por meio do exercício de lembrar para narrar e refletir sobre o que está sendo narrado.

Águia: Casei de novo e meu novo marido junto com meus irmãos, me incentivou a fazer Pedagogia presencial porque eu estava há muito tempo longe dos estudos, iniciei tarde, com 24 anos. Meu sonho era ser advogada, mas fiz Pedagogia para ter finais de semana e férias com as crianças.

A narrativa de Águia permite acompanhar uma trajetória marcada por interrupções, recomeços e escolhas atravessadas pela experiência da maternidade. Sonhava em cursar Direito, mas interrompeu os estudos, casou-se e teve dois filhos. Trabalhou em uma fábrica e contou com o apoio da mãe no cuidado das crianças. Após a separação, retomou os estudos e realizou um curso de vigilante que lhe possibilitava conciliar o trabalho com os cuidados maternos. Aos 24 anos, ingressou no curso de Pedagogia, encontrando na docência também a possibilidade de organizar a vida profissional em função da presença junto aos filhos, especialmente nos finais de semana e períodos de férias.

Sua trajetória evidencia como vida, formação e profissão não se constituem como dimensões separadas. A escolha pela docência aparece entrelaçada às condições concretas de sua existência e às possibilidades de conciliar trabalho, estudo e maternidade. Essa experiência também permite refletir sobre os desafios que atravessam a trajetória de muitas mulheres professoras, especialmente na Educação Básica, onde o trabalho docente frequentemente se prolonga para além do tempo da sala de aula, envolvendo planejamento, atenção às singularidades dos estudantes e enfrentamento das demandas próprias do processo de alfabetização.

A partir de cada subjetividade narrada, por meio da escuta atenta, e a intimidade do contexto com o próprio cotidiano da pesquisadora, este processo de pesquisa nos permite, no conjunto das narrativas, uma compreensão também coletiva de algumas experiências reais. Segundo Josso (2020, p. 47):

Vamos resumir esse recurso específico simplesmente enfatizando a importância de que educadores e professores adquiram experiência real com a narrativa de vida em formação, possibilitada apenas se eles a experimentarem com verdadeira grandeza e alteridade. Uma prática narrativa, qualquer que seja a forma, oferece uma possibilidade de experiência de autoconsciência, nosso alterego e nossas responsabilidades, como proprietários de terras envolvidos no que já existe e no futuro próximo.

Talha-mar narrou duas experiências de práticas com estudantes migrantes. A primeira com irmãos Venezuelanos, cuja família teve dificuldades com a documentação. Os dois faltavam bastante, e a professora relatou que essa infrequência causava insegurança porque, segundo ela, tornava mais demorado o processo de inclusão, bem como o desenvolvimento da aprendizagem. Aponta que quando conseguiu a maior aproximação deles com a turma, compartilhou brincadeiras de sua cultura para conseguir alfabetizá-los na Língua Portuguesa.

A experiência narrada por Talha-mar permite perceber que a barreira linguística não se apresenta apenas como uma dificuldade de comunicação, mas também como uma questão que atravessa as possibilidades de participação e aprendizagem do estudante. Ao recorrer às brincadeiras trazidas de sua cultura para aproximá-los da turma e favorecer a alfabetização em Língua Portuguesa, a professora parece encontrar, na própria experiência cultural das crianças, uma possibilidade de mediação pedagógica. A cultura, nesse caso, deixa de ocupar um lugar periférico e passa a integrar a própria prática de ensinar e aprender, aproximando a experiência narrada de uma perspectiva intercultural.

É possível relacionar, dentre os desafios para a construção de práticas inclusivas e interculturais apontados pelas narrativas, a barreira linguística como impeditivo à comunicação, a falta de políticas públicas educacionais específicas para os estudantes migrantes e a ausência de preparo para oferecer suporte pedagógico ao acolhimento desses sujeitos no contexto escolar.

Garça: Quando eles chegam e são inseridos em nossa sala de aula, como eles se sentem? O que eles pensam? Então a

gente tem que saber, ter conhecimento, ser provido dos conhecimentos para poder ajudá-los [...].

Bem-te-vi: A professora de português que trabalha na biblioteca faz um trabalho voltado para a literatura e leitura que auxilia os alunos com dificuldades. Como a escola é pequena e gente consegue também esse estreitamento, esses acordos que ajudam muito. Ela ajudou muitos alunos haitianos que tivemos [...].

Andorinha: Eu sempre me coloco no lugar do outro. Então é assim, simplesmente, quando eu vou fazer a chamada, que é online, eu vejo aquele aluno sentado ali, então a única conversa é a professora na sala de aula. Nunca ninguém chegou e falou, esse é o aluno tal, não, é tudo comigo, então, quando recebi a menina, estavam fazendo a fila e já vieram correndo, disseram, prof., tem aluna nova, é bem assim.

Percebemos, através das narrativas das professoras, ser importante, na superação das dificuldades encontradas em suas práticas cotidianas, a coletividade, o estabelecimento de parcerias entre os pares e a construção de uma rede de suporte entre a escola e as famílias, a comunidade e o contexto escolar.

Para tanto, é necessário entender a escola como um espaço privilegiado de encontro com a diversidade e com a oportunidade de educação em direitos humanos, que favoreça práticas inclusivas e interculturais com foco na formação crítica e emancipatória. Em outras palavras, é concebê-la como um espaço coletivo e democrático.

Por meio das narrativas, ao rememorar-las, as professoras refletem sobre as experiências vividas em suas práticas pedagógicas no contexto de seu cotidiano, organizando suas ideias e reconstruindo sua vivência pessoal, ao mesmo tempo em que dialogam e oferecem elementos para a compreensão de sua própria experiência (Souza, 2004).

Albatroz: Acredito que tenha alguma orientação porque estamos sempre recebendo, mas eu vou te falar, eu nunca vi em nenhuma das minhas experiências, mas acredito que tenha, porque estamos sempre recebendo, não só nas escolas, mas nas creches, começa lá desde os pequeninhos e eu acredito que tenha, mas eu nunca vi e nunca tive acesso. Conversando com você agora, estou pensando que vou ir atrás, porque eu nunca havia pensado sobre isso, estou sendo bem sincera, não vi em nenhuma das minhas experiências.

A fala de Albatroz permite perceber que o desafio não está apenas em receber o estudante migrante, mas também nas condições que a escola oferece para que essa recepção se transforme em uma prática pedagógica efetivamente inclusiva. A presença da diversidade interpela a docência não apenas no plano das relações interpessoais, mas também nas condições curriculares, institucionais e formativas que sustentam, ou limitam, as possibilidades de construir práticas pedagógicas plurais (De Souza *et al.*, 2021). Ao mesmo tempo, chama atenção o fato de a professora afirmar que, durante a própria entrevista, passou a pensar sobre a existência dessas orientações e manifestou a intenção de buscá-las. A narrativa, nesse caso, não apenas revela uma experiência vivida, mas parece abrir espaço para que a professora volte o olhar para sua própria prática e formule novas questões sobre ela.

Rodrigues (2021) revela que os processos de inclusão de estudantes migrantes na Educação Básica brasileira demonstram-se desfavorecidos pelo despreparo dos professores em lidar com os desafios da diversidade linguística e cultural do contexto presentes nas práticas pedagógicas desenvolvidas com esses estudantes. Nesse contexto, a narrativa de Albatroz também permite pensar que a presença dos estudantes migrantes pode tornar mais visíveis desafios que já atravessavam o cotidiano escolar, mas que nem sempre eram reconhecidos ou problematizados no âmbito da prática pedagógica.

Ademais, a entrevista narrativa de Albatroz trouxe à tona reflexões importantes em relação aos aspectos do alcance da pesquisa e seu movimento dialógico, que articula as experiências e a subjetividade das histórias de vida de quem narra com os aspectos formativos e investigativos, conferindo sentido ao processo de construção do conhecimento. Souza, (2011) considera:

Entendo que a narrativa abre espaços e oportuniza aos sujeitos em processo de formação o compartilhamento de experiências formadoras sobre tempos, espaços e trabalho biográfico. Dessa forma, as narrativas, como noção e espaço biográfico, constituem-se de forma singular num projeto formativo, porque partem da transação entre diversas experiências e aprendizagens individuais e coletivas circunscritas nos territórios de vida-formação (Souza, 2011, p. 217).

A pauta da educação em direitos humanos ganha força na direção da atenção ao outro, do cuidado com a dignidade humana e do respeito à diversidade. O direito do acesso ao conhecimento sistematizado garante a educação emancipatória, que permite a participação na sociedade. O entendimento de uma escola na perspectiva intercultural crítica, proposta por Candau e Koff (2015), concebe o espaço da sala de aula enquanto contexto de diversidade cultural e social, que pode reproduzir os processos excludentes ou favorecer a construção de uma educação justa, inclusiva e de qualidade.

Por meio do currículo, do planejamento e da efetivação das práticas pedagógicas:

Por sua vez, ressaltamos que, para nós, a reinvenção da escola pressupõe, entre outros aspectos, colocar em debate o modo de viver o currículo e/ou a prática educativa, refletindo e discutindo, portanto, o que entendemos são os seus modos de organizar tempos e espaços, relações, papéis de seus diferentes sujeitos e atores, saberes e conhecimentos, métodos, técnicas e recursos, linguagens, planejamento e avaliação. E, embora reconheçamos que não é suficiente promover transformações de caráter teórico-metodológico para mudar a escola, consideramos que esse é um aspecto significativo para construir uma outra escola e, portanto, uma outra educação, desde que tais mudanças sejam contextualizadas histórica e culturalmente e estejam orientadas por princípios claramente formulados e que expressem respostas às questões: que educação queremos construir? Que sujeitos/atores desejamos ajudar a formar? Ou, em outras palavras, que prática escolar desejamos realizar a serviço de quem e do quê? (Candau; Koff, 2015. p. 335).

A sensibilidade do acolhimento com a chegada do estudante que era um migrante nacional, expressa na fala das professoras, me chamou a atenção, pois demonstrou que a professora encontrou maneiras de “conceber a diferença como riqueza e vantagem pedagógica” (Candau, 2014, p.31) e, desta forma, proporcionar práticas inclusivas numa perspectiva intercultural.

Bem-te-vi: Eu tive uma aluna haitiana, a gente fazia muitas apresentações, ela tinha uma facilidade de corpo, gestual, muito grande, a questão das cores, da vaidade dela, da cultura Afro. Ela fazia apresentações, ensinava as outras crianças, aprendeu o português, se sentia muito incluída e me lembro de que nessa ocasião, a alegria ficou muito marcada entre nós.

A interpretação das narrativas das professoras sobre suas experiências no contexto da escola com estudantes migrantes favoreceu o agrupamento de fragmentos que permitiram conhecer suas percepções a respeito de alguns aspectos profissionais, bem como das relações estabelecidas em sala de aula, das metodologias empregadas em suas práticas pedagógicas e de diversas experiências no contexto escolar.

A experiência narrada por Bem-te-vi permite perceber uma prática pedagógica que não parte da tentativa de apagar ou compensar a diferença, mas de colocá-la em circulação no espaço da sala de aula. Ao possibilitar que a estudante apresente aspectos de sua cultura, ensine outras crianças e ocupe um lugar de participação, a professora transforma aquilo que poderia ser percebido apenas como diferença em possibilidade de troca e aprendizagem coletiva. Mais do que uma estratégia pontual de acolhimento, a narrativa sugere uma forma de compreender a presença da estudante migrante como parte constitutiva da experiência educativa.

Essa perspectiva propõe potencializar os grupos de pessoas migrantes que, como tantos outros grupos excluídos pela diversidade, historicamente têm tido menos poder em sociedade e se encontram dominados e silenciados, como por exemplo, na escola, ou seja, na sociedade, mas excluídos de seus direitos de emancipação e de participação social e política. Segundo Candau, 2005:

A interculturalidade orienta processos que tem por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a essa realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrenta-los (Candau, p. 32, 2005).

A narrativa é um movimento dialógico e contínuo de construção de saberes, que vai além da mera descrição de acontecimentos ou fatos. Ela representa um processo que é impulsionado por sensações, como o prazer de lembrar ao ativar a memória, contar ao narrar e a emoção de compartilhar a

experiência. É, também, um exercício de escuta sensível e atenta, onde quem ouve se deixa envolver pelas histórias contadas por outros constrói saberes pela reflexão daquilo que é lembrado, vivido e contado.

Considerações finais

Ao entrelaçar as histórias de vida e formação às experiências narradas pelas professoras, foi possível perceber como suas práticas pedagógicas com estudantes migrantes vão sendo construídas no cotidiano, entre desafios, aprendizagens, improvisações e possibilidades de acolhimento. As narrativas revelaram que essas práticas não se constituem de forma isolada, mas são atravessadas pelas trajetórias das docentes, pelas relações estabelecidas na escola e pelas condições institucionais que sustentam ou limitam suas ações.

Nesse entrelaçamento aparecem tanto as dificuldades vivenciadas pelas professoras quanto as estratégias que constroem para responder às situações que encontram. A barreira linguística, a ausência de orientações e de políticas específicas e a insuficiência de suporte institucional aparecem como obstáculos recorrentes, mas as narrativas também mostram professoras que estabelecem parcerias, mobilizam recursos disponíveis e procuram criar formas de participação e pertencimento para os estudantes.

Essas experiências também permitem perceber que, mesmo diante de limites institucionais, as professoras não permanecem passivas diante das situações que encontram. Suas narrativas mostram movimentos de aproximação, criação de estratégias, estabelecimento de parcerias e abertura para aprender com os próprios estudantes e com suas culturas. São práticas que, ainda que construídas muitas vezes a partir das possibilidades disponíveis no cotidiano, revelam formas de produzir acolhimento e pertencimento. E indicam que a interculturalidade também pode se constituir nas relações e nas escolhas que acontecem no interior da escola.

Nesse sentido, a pesquisa revelou os desafios na inclusão de estudantes migrantes no sistema escolar, como a necessidade de valorizar o conhecimento daqueles que enfrentam os processos do fluxo migratório para a construção de um ambiente de pertencimento e apoio especializado que favoreça a visibilidade da diversidade como direito humano. E demonstra que,

nesse processo, o conhecimento da língua desempenha um papel crucial para o acesso aos direitos humanos e sociais.

A experiência migratória pode envolver deslocamentos e rupturas em relação aos espaços, referências e contextos de vivência anteriormente constituídos, ao mesmo tempo em que produz a necessidade de construir novas relações e formas de pertencimento. Nesse processo, as questões identitárias e culturais não desaparecem, mas podem ser ressignificadas no encontro com novos contextos, relações e modos de viver. Por isso, estabelecer relações que ultrapassem a dimensão estritamente linguística torna-se fundamental para os processos de inclusão, especialmente nos espaços sociais dos quais as pessoas migrantes passam a fazer parte. Devem possibilitar, assim, o favorecimento de sua visibilidade e a não violação de direitos de acesso aos serviços públicos e de acolhimento, bem como aos serviços sociais, de saúde e educação.

Assim, faz-se de suma importância garantir condições e possibilidades de transformação e prática social na nova realidade vivida da qual fazem parte. O deslocamento para este novo lugar, para este novo contexto, perpassa pelas políticas públicas, na possibilidade da (in)visibilidade dessas pessoas migrantes nesta nova realidade e contexto social, econômico e cultural.

Entre os desafios encontrados nas práticas pedagógicas com estudantes migrantes estão as barreiras na comunicação decorrentes do desconhecimento da Língua Portuguesa, do enfrentamento ao novo idioma, no caso de migrantes internacionais, e do estranhamento diante da diversidade de culturas e de diferentes modos de dizer as coisas, no caso de migrantes nacionais. Segundo narram muitas de nossas aves migratórias, essas experiências causam situações de preconceito nesse novo lugar e, diante do fluxo migratório, representam uma barreira ao desenvolvimento de práticas acolhedoras, inclusivas e interculturais. Além disso, a inexistência de políticas públicas e curriculares voltadas às especificidades dos estudantes migrantes, que acarretam aspectos da diversidade cultural, representa outro entrave no desenvolvimento de práticas (in)excludentes.

Assim, o estudo que contemplou a narrativa como metodologia favorece a interpretação de histórias singulares no contexto coletivo de construção de saberes pedagógicos que dão indícios de como os processos inclusivos e

interculturais se dão no cotidiano escolar, bem como estabelece relações das experiências de vida e profissionais com a reflexão teórica acerca da temática da migração em uma perspectiva de construção de caminhos que promovam uma educação justa e de qualidade para todos, que aborde a diversidade como direito humano.

Referências

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade Multicultural e educação: tensões e desafios. In: Candau, Vera Maria Ferrão (Org.) **Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (org.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 23-41.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 118, pp. 235–250, jan. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 23 abr. 2023.

CANDAU, Vera Maria Ferrão e KOFF, Adélia Maria Nehme Simão. A Didática Hoje: reinventando caminhos. **Educação & Realidade**, v. 40, n. 2, pp. 329-348, abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rhVYnBdPg48sVMs3rYpyFJp/?lang=pt>. Acesso em: 19 mai. 2026.

CAVALCANTI, Leonardo *et al.* **Relatório Anual OBMigra 2025**: políticas migratórias no Brasil: evidências para gestão de fluxos e políticas setoriais. Brasília, DF: Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), 2026. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2025/12/Caderno-de-Debates-n.19.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2026.

DE SOUZA, Antonio José *et al.* Escola e docência no contexto da diversidade: notas críticas-reflexivas e propositivas. **RevNUPE**, [S. l.], v. 1, pp. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/revnupe/article/view/12752>. Acesso em: 30 jul. 2026.

DELORY-MOMBERGER, Chistine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, pp. 523–536, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 nov. 2024.

GOODSON, Ivor Frederick. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019

GOODSON, Ivor Frederick. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António(org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2^a edição, 1992, pp. 63-78.

GUIMARÃES, Renata Siqueira de. **Narrativas de professoras sobre as práticas pedagógicas com estudantes migrantes da rede estadual do município de Itajaí/SC**. 2025. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú, Camboriú, 2025. Disponível em: <https://ppge.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/67/2025/11/Renata-Siqueira-de-Guimaraes-dissertacao.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2026.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: **Educação**. Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), pp. 413-438, set./dez. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2741>. Acesso: 12 nov. 2024.

JOSSO Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 5, n. 13, pp. 40–54, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em: 3 jan. de 2024.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira *et al.* A contribuição de Paulo Freire aos estudos sobre educação e migrações internacionais: uma breve revisão de literatura. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, [S. l.], v. 9, n. 3, pp. 114-135, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/olhares/article/view/12419/9034>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MORAIS, Joelson de Souza. A potência da pesquisa narrativa com registro do cotidiano de professores(as) iniciantes: reaprendendo a ouvir-olhar-sentir-narrar. **Cadernos de Educação**, n. 67, pp. 1-23, 15 fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.15210/caduc.vi67.25101>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/25101>. Acesso em: 18 jul. 2025.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. O imigrante na política educacional brasileira: um sujeito ausente. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, pp. 1–15, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.13655.004>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/13655>. Acesso: 26 nov. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 02, pp. 147-156, 2011. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-

[25822011000200004](#). Acesso em: 2 jul. 2024.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO Gilcilene e OLIVEIRA Roberta. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**. Lisboa, v.33. pp 111-125, 2016. Disponível em: <https://research.ulusofona.pt/pt/publications/as-narrativas-autobiogr%C3%A1ficas-como-fonte-e-m%C3%A9todo-de-pesquisa-qua-7/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição, SOUZA, Elizeu Clementino de. e VICENTINI, Paula Perin. (2011). Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação Em Revista**, 27(1), pp. 369–386. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/abstract/?lang=pt> Acesso em: 7 de out. 2024

ROCHA, Stéfani Rafaela Pintos da e MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. O direito à educação de crianças migrantes: incluir ou integrar? **Momento-Diálogos em Educação**, v. 32, n. 3, pp. 21-39, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14295/momento.v32i03.16035>. Disponível: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/16035>. Acesso em: 19 mai. 2026.

RODRIGUES, Renata Ramos. **Construindo pontes em vez de muros**: acolhimento de estudantes refugiados e migrantes forçados na educação básica. 2021,183 Fl. Programa de pós-graduação em Letras (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/28754>. Acesso em: 12 ago. de 2023.

SANTA CATARINA, Secretaria de estado da educação de. **Educação na Palma da Mão SC**. Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina (Ciasc), 2019. Florianópolis, SC. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiZTUzZDNkMGMtNzI5Ni00MThjLTlkZWVLUWUzOTYzYTJlYzRlNiJ9>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SANTA CATARINA, Secretaria de estado da educação de. **Sistema de Gestão Educacional de Santa Catarina (SIGESC). Busca de escolas - SED**. Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina (Ciasc), 2024 Disponível em: <http://serieweb.sed.sc.gov.br/cadueportal.aspx>. Acesso em: 4 jul. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento De Si**: Narrativas Do Itinerário Escolar E Formação De Professores. 2004. 442f. Programa de pós-graduação – Doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10267>. Acesso em: 13 nov. de 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista**

Fórum Identidades, Itabaiana-SE, Ano 2, V. 4, 2008, pp. 37-50 – jul-dez 2008.
Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1808>.
Acesso em: 6 mai. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, v. 39, n. 1, pp. 39–50, 2014.
DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644411344>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/11344>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se negrogay**: a história de vida de um homem-professor situado e “sitiado”. 2022. 183f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2022. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/server/api/core/bitstreams/67bf43fd-530d-4a90-a932-e7d00c0070f9/content>. Acesso em: 30 jul. 2026.

Editor(a) responsável: Magda Floriana Damiani

Recebido em: 15/11/25
Aceito em: 05/08/26

Renata Siqueira de Guimarães

Formada em Pedagogia pela Universidade do Planalto Catarinense (2010); Mestre em Educação pelo programa de pós-graduação do Instituto Federal Catarinense (IFC) - Campus Camboriú (2025). Doutoranda em Educação pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atualmente é professora efetiva nos Anos Iniciais do Ensino fundamental pela Secretaria do Estado de Santa Catarina (desde 2010). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Inclusiva, atuando principalmente nos seguintes temas: diversidade, inclusão, estado do conhecimento, desigualdade estrutural, étnico-raciais.

 renataguimaraes@ufpr.br

 <http://lattes.cnpq.br/2994426757791123>

 <https://orcid.org/0009-0005-5726-2313>

Andressa Grazielle Brandt

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina na Linha de Pesquisa: Ensino e Formação de Professores. Mestre em Educação pelo PPGE da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC. Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Professora da área de Pedagogia, atua na Licenciatura em Pedagogia, na Licenciatura em Matemática, na Licenciatura em Educação Especial Inclusiva e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (PPGE-IFC, na linha de pesquisa: Processos educativos e inclusão. Desenvolve pesquisas sobre a formação de professores (inicial e continuada), Curso de Pedagogia, Didática (práticas de ensino), condições de trabalho, identidade e saberes docentes, Educação Profissional Tecnológica, currículo, currículo integrado.

 andressa.brandt@ifc.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/5766947022430917>

 <https://orcid.org/0000-0002-8176-1930>